

# Saber, afeto e compreensão: epistemologia da comunicação e dialogia



*Dimas A. Künsch*

*Doutor em Ciências da Comunicação (USP)  
Coordenador da Pós-graduação em  
Comunicação da Faculdade Casper Líbero  
E-mail: dimas.kunsch@casperlibero.edu.br*

**Resumo:** O autor discute o tema de uma nova “posição interpretativa para o campo da comunicação” (Sodré). A crítica à “ditadura do conceito” se constrói a partir da defesa do afeto, na perspectiva de uma epistemologia do diálogo e da compreensão. O tema da compreensão leva a posicionar a discussão sobre o assunto no GT de “Epistemologia da Comunicação” da Compós nos últimos anos. Aposta-se na humanização das relações entre os interlocutores pela via do afeto e da compreensão, como base para uma postura cognitiva e ética apta a compreender, mais que a excluir e condenar.

**Palavras-chave:** comunicação, epistemologia, compreensão.

*Saber, afecto y comprensión: epistemología de la comunicación y dialogía*

**Resumen:** El autor discute el tema de una nueva “posición interpretativa para el campo de la comunicación” (Sodré). La crítica a la “dictadura del concepto” se construye a partir de la defensa del afecto, en la perspectiva de una epistemología del diálogo y de la comprensión. El tema de la comprensión nos lleva a posicionar la discusión sobre el asunto en el GT de “Epistemología de la Comunicación” de la Compós en los últimos años. Se apuesta en la humanización de las relaciones entre los interlocutores por la vía del afecto y la comprensión, como base para una postura cognitiva y ética apta a comprender, más que a excluir y a condenar.

**Palabras clave:** comunicación, epistemología, comprensión.

*Knowledge, affection and understanding: epistemology of communication and dialogia*

**Abstract:** The author discusses the theme of a new “interpretive position for the field of communication” (Sodré). A critique of the “dictatorship of the concept” is built from the defense of affection, from the perspective of an epistemology of dialogue and understanding. On the theme of understanding the discussion takes place on the subject in the GT of “Epistemologia da Comunicação” in Compós in recent years. It thrives on the humanization of relations between interlocutors through the affection and understanding as a basis for a cognitive and ethical posture able to understand, rather than to exclude and condemn.

**Keywords:** communication, epistemology, understanding.

“**U**ma outra posição interpretativa para o campo da comunicação.” O agir comunicacional exige ser liberado “das concepções que o limitam ao nível de interação entre forças puramente mecânicas”, para “abarcara a diversidade da natureza das trocas, em que se fazem presentes os signos representativos ou intelectuais, mas principalmente os poderosos dispositivos do afeto” (Sodré, 2006:12-13).

“Poderosos”, os “dispositivos do afeto” acabam sendo alçados por Sodré a um patamar dos mais elevados no universo dos estudos e práticas de comunicação ou, mais especificamente, dessa nova “posição interpretativa” que, em sua visão, urge ser encontrada. Mais relevante, até, que os “signos representativos ou intelectuais”.

Tamanha nobreza concedida ao afeto pode fazer, de verdade, sentido, quando se leva a sério o contexto intelectual em que o argumento pró-afeto se erige. Com efeito, a generosa concessão ao capital cognitivo-comunicacional do afeto nasce, precisamente, de uma preocupação do autor com o que “está aquém ou além do conceito”, o que significa dizer, no vasto e, pelo que se depreende do argumento, não devidamente ou mesmo inexplorado território em que esses signos

representativos ou intelectuais não exercem seu poder de domínio.

Está-se distante, como se pode observar, de uma preocupação secundária ou marginal, uma vez que nasce da crítica de que subsiste, na tradição dos estudos científicos da comunicação, nada menos que uma “ditadura lógica da razão enquanto domínio universal”, na contramão do afeto. A essa “ditadura”, Sodré (2006:14) contrapõe a exigência de “outra atitude epistemológica ou interpretativa (...)”; “mais compreensiva, menos intelectual-racionalista, capaz de apreender os fenômenos fora da medida universal”.

É aqui que a “outra posição interpretativa para o campo da comunicação”, de que fala o autor, se deixa de fato elucidar, com força expressiva: na exigência ou proposição de uma atitude epistemológica compreensiva, “capaz de apreender os fenômenos fora da medida universal”. Fora do conceito, portanto – pelo menos do conceito enquanto detentor de um poder discricionário, ditatorial. Fora da pura explicação. No território cognitivo do “aquém e além do conceito”, o poder do afeto se deixa aproximar e cria vínculos com a atitude compreensiva, em seu distanciamento em relação ao conceito, de novo, enquanto signo absoluto da explicação.

A crítica enfática ao racionalismo, o que vale dizer, a um modelo de pensamento que costuma transitar à vontade no reino aparentemente sólido e seguro dos universais, das essências, da ontologia, se faz acompanhar pela insistência, não menos enfática, no “conhecimento compreensivo”. Sodré relembra que “na base de uma experiência ontológica da comunicação (...) encontra-se o problema da compreensão, suscitado pela vinculação inerente ao comum”. A “interpretação que fazemos do mundo a partir de nossos habituais quadros conceituais” é útil ao entendimento e à explicação. “A compreensão, porém, fica além desses circuitos autolegimativos, fora dos puros atos de linguagem” (Sodré, 2006:67).

“A compreensão humana vai além da explicação”, dirá Morin (2000:94-95). “A explicação é bastante para a compreensão

intelectual ou objetiva das coisas anônimas ou materiais. É insuficiente para a compreensão humana”. Esta, com efeito, “comporta um conhecimento de sujeito a sujeito”. Compreender, ele lembra, “inclui, necessariamente, um processo de empatia, de identificação e de projeção. Sempre intersubjetiva, a compreensão pede abertura, simpatia e generosidade”.

Morin (2009:93) enxerga no ensino da compreensão uma “missão propriamente espiritual” da humanidade. Aplicada à área em movimento da epistemologia, a “visada compreensiva” que Sodré reivindica, em confronto nada amigável com o racionalismo vigente, dialoga, por sua vez, com as preocupações de Maffesoli, lá onde o francês – com semelhante empenho crítico e fervor militante no combate ao que ele chama de “terrorismo” do conceito – anuncia-se como defensor intransigente de uma atitude cognitiva compreensiva, para a sociologia como para o conjunto do saber científico.

Maffesoli (1998:31) vê “o perigo de uma atitude de espírito que ‘corta’, separa, funciona a esmo, sem referência ao real naquilo que este tem de tangível, de palpável, de inteiro”. Para ele, “a ‘esquize’ do racionalismo não fornece senão uma épura do homem e do mundo. Produz um esquema que apresenta características importantes, mas ao qual falta o essencial: a vida”.

Vida que “é breve” (Hipócrates), e “tão difícil de possuir completa e tão triste de possuir parcial” (Fernando Pessoa). É preciso aprender a fazer silêncio para contemplar, por detrás ou na profundidade do que os sentidos revelam, “o indizível e o inconcebível”. “Sob os conceitos existe o mundo, sob o mundo?” (Morin, 1995:222).

Afeto, compreensão e conhecimento. Como articulá-los? Como fazê-los conversarem entre si no ambiente em construção de uma epistemologia da comunicação?

Delinear teoricamente alguns traços dessa vinculação, apontando possibilidades, reais ou imaginadas, de sua existência e de seus possíveis significados para o campo dos

estudos comunicacionais: é este o propósito primordial deste texto.

O crédito oferecido à imaginação, linhas antes, combina muito bem com a proposta do ensaio. Porque a renúncia, exigida pela ciência dita madura, a todo tipo de puro delírio intelectual e a aceitação das exigências de método e rigor – como se argumentará adiante –, não se podem fazer às custas da liberdade de se pensar, nem tampouco do vigor que as linguagens do afeto e da compreensão sugerem.

É preciso “assumir plenamente a qualidade e a insuficiência que o termo ‘ensaísta’ contém”, propõe Morin (1998:13-14). O ensaio, com efeito, “não pode senão tentar atingir um conhecimento pertinente, e deve tentá-lo correndo os seus riscos intelectuais”. Inclusive o risco da autoria, que o exercício responsável do ensaio estimula e pode tornar visível.

Nesse sentido, a crítica à “ditadura do conceito”, se por um lado direciona o olhar do pesquisador para o que está “aquém e além do conceito” e, nele (no conceito), para a possível absolutização de seu potencial explicativo, também, por outro, não está autorizada a negar a possibilidade real de uma “democracia” da razão e do conceito. De uma razão fértil, dialógica. De uma ética capaz de pensar a razão, o conceito e o não-conceito, o conhecimento e a vida, complexa (sentidos que se tecem e entrecem) e compreensivamente (no sentido de juntar, integrar, pôr em conversação, em diálogo). “Aliar razão iluminadora e amor à humanidade, lúcida compreensão dos fenômenos naturais e procura da felicidade terrena, ciência e ética”, ensinava Epicuro (Pessanha, 1992:59).

### Um estatuto epistêmico para a ternura

A crítica à “dureza do *logos*” – o *logos* não dialógico – se expressa, em Restrepo (1998:10), na exigência de reconhecimento da “dimensão fundante do afetivo”. O autor colombiano acredita que a tradição ocidental de pensamento é herdeira de algo a que chama de “lógica arrasadora da guerra”.

Restrepo investe, sem dó, contra “a intolerância do discurso total, aniquilador da diferença e inimigo do crescimento e da singularidade”. Lamenta que “há vários séculos a ternura e a afetividade” tenham sido “des-terradas do palácio do conhecimento”:



*No território cognitivo do “aquém e além do conceito”, o poder do afeto se deixa aproximar e cria vínculos com a atitude compreensiva*

Desde as precoces experiências da escola, adentra-se a criança num saber de guerra, que pretende uma neutralidade sem emoções, para que adquira sobre o objeto de conhecimento um domínio absoluto, igual ao que pretendem obter os generais que se apossam das populações inimigas sob a divisa de terra arrasada (Restrepo, 1998:14).

A não-dialogia que o *logos*, a razão ou o conceito, no contexto desse discurso, em maior ou menor dose revelam ou assumem não lhes pode ser imputada, sem mais, como propriedades suas. A não-dialogia, a frieza, o mecanicismo e o determinismo, que se vêem em geral associados à razão e ao conceito, são entendidos, antes, como resultantes de modos e modelos de com eles e a partir deles se pensar o mundo, o conhecimento, a ciência. Questão de uso. Ou de ab-uso. Morin tem muito clara essa percepção, em sua crítica ao racionalismo. Para ele (1984:125), “a verdadeira *Aufklärung* está muito ligada à tolerância”, e “a verdadeira racionalidade é profundamente tolerante em relação às formas de pensamento que não se lhe assemelham”.

Isso não o impede de brandir a espada contra as “assustadoras doenças do espírito”, provocadas, como ele argumenta, exatamente pelo desvirtuamento do melhor que

a razão e a ciência podem oferecer à humanidade: “A grande doença é o idealismo, que esquece que as idéias são mediadores e tradutores; é a reificação das idéias, em que a idéia se toma pelo real. A grande doença da razão é a racionalização, que encerra o real num sistema lógico coerente, ao preço de terríveis mutilações” (Morin, 1984:32).

*Não se pode perder de vista nem a necessidade e utilidade dos conceitos, nem a vitalidade e fertilidade desses no processo de conhecimento*



Voltemos a Restrepo, em sua defesa de um estatuto epistemológico para a ternura. Trata-se, para ele, de um enorme equívoco – uma “falácia epistemológica” – a idéia de que a expulsão da ternura constitua “uma condição *sine qua non* para a geração do conhecimento”:

Muito mais que o isolamento de uma certa percepção subjetiva e emocional que turva nosso acesso à verdade, o que fica a descoberto nesse modelo epistemológico é a presença da afetividade plana e definida do guerreiro, preparado para submeter a um domínio homogeneizador a multiplicidade da vida sem se importar com sua redução a um enunciado abstrato ou a um esquema (Restrepo, 1998:14).

O torpor afetivo associa-se à exaltação da explicação causal. A dissociação entre cognição e sensibilidade veste-se com o manto de axioma filosófico central na produção do saber (científico). Dominam, enfim, o abstrato e o universal. O conceito. Sodré (2006:12) se refere, nesse mesmo contexto, a “um velho contencioso da metafísica, que se irradiou para o pensamento social: a oposição entre o *logos* e o *pathos*, a razão e a paixão”. Também

para ele, “nesta dicotomia, a dimensão sensível é sistematicamente isolada para dar lugar à pura lógica calculante e à total dependência do conhecimento frente ao capital”.

Constitui um imenso desafio, para Restrepo, “a integração da ternura às perspectivas cognitivas e acadêmicas”. O autor entende que precisamos nos articular “a formas expressivas distantes da pretensão universal do significado e mais próximas à dinâmica do contexto”. A ternura e o afeto podem igualmente impregnar a linguagem, sem desprezo pelo rigor. “As palavras podem ser ternas”. A verdade tem, sim, como “assumir a forma sugestiva de uma expressão calorosa e acariciadora”.

Restrepo avalia que a frieza do discurso científico representa “uma expressão das lógicas de guerra que se inseriram na geração do conhecimento”. Não se deve, no entanto, “converter esta deformação histórica num único parâmetro de validade”: “É, pois, a capacidade de gerar crítica e reflexão, e não o empobrecimento discursivo e literário, a característica que permite distinguir o pensamento científico da repetição dogmática e da charlatania” (1998:16-17).

O discurso “pode encher-se de ternura, sendo possível acariciar com a palavra”. A solidez argumentativa não está condenada a sofrer danos “por fazer-se acompanhar da vitalidade emotiva” (Restrepo, 1998:17). Na proposta do estudioso colombiano, portanto, não existe nenhuma relação de necessidade na ruptura entre razão e afeto, ciência e ternura. É possível, ao conceito, ser terno. Boaventura de Sousa Santos (1989:35), nessa mesma linha de pensamento, sugere a ruptura com um paradigma de ciência “que produz um discurso que se pretende rigoroso, antiliterário, sem imaginação nem metáforas” – “um paradigma que pressupõe uma única forma de conhecimento válida, o conhecimento científico”, como ele deixa explícito, linhas antes. Um discurso que corre o risco de se tornar “desencantado, triste e sem imaginação”.

Sodré, mais uma vez, com o foco intelectual no “aquém e além do conceito”,

dirige sua atenção para o vasto campo do não-racional. Acentua que “são muitas as formas de compreensão que caminham na obscuridade” (2006:31), ou fora do espaço em que a luz da razão domina. A “zona obscura e contingente dos afetos” não é matéria do cálculo, da razão e do método, e, sim, da “estética considerada em sentido amplo, como modo de referir-se a toda a dimensão sensível da experiência vivida” (2006:11). Tem em vista a “relação entre duas subjetividades, entre os interlocutores”:

Em termos mais práticos, a questão pode ser resumida assim: quem é, para mim, este outro com quem eu falo e vice-versa? Esta é a situação enunciativa da qual não dão conta por inteiro a racionalidade linguística, nem as muitas lógicas argumentativas da comunicação. Aqui têm lugar o que nos permitimos designar como estratégias sensíveis, para nos referirmos aos jogos de vinculação dos atos discursivos às relações de localização e afetação dos sujeitos no interior da linguagem (Sodré, 2006:10).

Haveria, neste ponto, um amplo espaço para a discussão do princípio dialógico de Martin Buber (1982) e do que esse autor chama de palavras-princípio “eu e tu” e “eu e isso” (2004). Inspirada em Buber, e ressaltando, com Sodré, o lugar do afeto na comunicação – contra aquelas concepções que limitam o agir comunicacional “ao nível de interação entre forças puramente mecânicas” (Sodré, 2006:13) –, Cremilda Medina fala do “signo da relação”, título de uma de suas obras, que traz por subtítulo *Comunicação e pedagogia dos afetos* (2006). A relação sujeito-objeto (“eu-isso”) na comunicação, pela via do afeto, do diálogo e da compreensão, se deixa substituir pela relação sujeito-sujeito (“eu-tu”). Com toda a carga de desafios, exigências e tropeços que essa opção carrega consigo. “A inovação nas práticas do signo dialógico nunca ocorre naturalmente em qualquer ambiente de produção simbólica” (Medina, 2006:97).

### Aquém, em e além do conceito

Uma “aproximação de tipo compreensivo ao campo da comunicação, a seu objeto e a suas teorias”. Esse era o objetivo de um texto apresentado ao GT “Epistemologia da Comunicação” da Compós, em seu XVIII Encontro Nacional, na PUC-MG, em junho de 2009. A primeira parte do título “Aquém, em e além do conceito: comunicação, epistemologia e compreensão” (Künsch, 2009) dialogava com o “aquém ou além do conceito” de Sodré e com sua defesa do lugar do afeto na esfera de uma epistemologia compreensiva da comunicação.

A diferença de acento deixa-se revelar, no entanto, já no “em” que participa da formulação do título. O argumento ali embutido é o de que a renúncia à “ditadura do conceito”, ao racionalismo e à compulsão universal-explicativa, quando inserida num ambiente intelectual compreensivo, dialógico, se processa tanto *contra* quanto *com* o conceito. Pois deve-se admitir que, no calor e na pressa em que a crítica às vezes se dá, exageros e injustiças acontecem. Ora, o discurso da compreensão não fornece a ninguém salvo-conduto contra a arrogância, a incompreensão e o dogmatismo.

Voltando ao que se dizia antes, é pois aconselhável não se perder nunca de vista nem a necessidade e utilidade dos conceitos, nem a vitalidade e fertilidade de que esses mesmos conceitos podem se revestir, no processo nada simples, nem puro, de conhecimento. Não é demais recordar novamente Restrepo, quando ele afirma que a palavra pode ser terna. Pode ser fértil. Lúcida. Sábia. Em outros termos, para prestar um crédito ao saber comum, dos tempos da bacia de banho: não se deve jogar fora a criança junto com a água do banho.

Ainda no bojo dessa mesma inquietação, no resumo do texto indicado afirma-se preliminarmente o óbvio: que a intenção não é, e nem pode ser, a de uma guerra santa contra a razão e a ciência. A indisposição, firme,



é “contra a transformação do conceito em camisa-de-força a negar o direito à intuição criadora; o direito à formulação de noções, símbolos e imagens com densidade interpretativa; à dialogia entre saberes; às incursões por territórios trans- e não-disciplinares”. A indisposição é, no fundo, contra a “ditadura do conceito”.

Essa mesma preocupação, de não se jogar fora simplesmente o conceito, é retomada, linhas adiante no mesmo texto, quando se afirma que a crítica ao racionalismo “não dura muito tempo para ser desclassificada, às vezes com violência, como se fosse uma postura retrógrada de descrédito na ciência, quando não de apologia ignorante do obscurantismo”. O autor se defende:

Não convém se assustar com certo tipo de reação, não exatamente racional nem tampouco científica, de um pensamento aqui e acolá arredo à crítica, por ter se habituado a pôr pontos finais lá onde interrogações, vírgulas, ponto-e-vírgulas e reticências ofereceriam maior garantia na difícil arte de exorcizar o dogmatismo e abrir o terreno à compreensão (Künsch, 2009:64).

Em “Aquém, em e além do conceito” trazia-se, então, para a roda de conversas um dos trabalhos apresentados ao mesmo GT no ano anterior, 2008, assinado por Francisco José Paoliello Pimenta (2008), “Indeterminação; o ‘admirável’; a crescente comunicabilidade”. Nele, o autor retomava nove dos dez trabalhos selecionados para o mesmo GT da Compós em 2007, argumentando que, “embora sustentados em vertentes de análises bastante diferentes”, esses trabalhos “têm curiosamente em comum suas ênfases relacionadas a fenômenos caracterizados como ‘incertos’, da esfera do ‘sensível’, ‘intuitivos’, ‘subjativos’, marcados pela ‘diversidade’, ‘despercebidos’ e ‘instáveis’” (Pimenta, 2008:1).

A “convergência de posturas epistemológicas” identificada por Pimenta era interpretada por este autor, em “Aquém, em e além do conceito”, como reveladora de um grau maior ou menor de insatisfação epistemo-

lógica e de imaginação de possibilidades de “uma outra posição interpretativa para o campo da comunicação”, como quer Sodré (2006:13). Ou, em outras palavras, como crise do conceito e do signo da explicação, com um movimento em direção a formas menos absolutas e mais compreensivas de entendimento e de interpretação do agir comunicacional, bem como de seus estudos e teorias (Künsch, 2009:67).<sup>1</sup> Três dos textos eram tomados como exemplos especialmente eloqüentes dessa tese:

- a) “Em meio ao desencanto: a comunicação fundada no pensamento mecânico-funcional”, de Malena Contrera, criticava com força o cartesianismo, o mecanicismo e o funcionalismo que teriam impregnado o conhecimento científico em geral e comunicacional, em particular. Convidando para uma revisita ao campo da vida – dos vínculos e dos afetos, de que fala Sodré na obra aqui citada –, a autora desafiava as teorias da comunicação a se aproximarem “do terreno incerto e incontrolável da alma humana” (Contrera, 2007:11).
- b) Em “A linguagem como mediação da intuição”, Regina Rossetti argumentava em favor da recuperação, para o discurso, da vitalidade da linguagem das imagens e das metáforas, transcendendo “conceitos rígidos” e/ou “pré-fabricados”, para, com Bergson, se “criar ‘representações flexíveis, móveis, quase fluidas, sempre prontas a se moldarem sobre as formas da intuição’”. Pensava, para tanto, com Brincourt, “no sentido de uma linguagem capaz de sugerir o ser mais do que dizê-lo” (Rossetti, 2007:13).
- c) Em “Comunicação, disciplinaridade e pensamento complexo”, o terceiro exemplo,

<sup>1</sup> Numa outra linha analítica segue a proposta de Pimenta em seu trabalho. Para ele, “a categoria semiótica da Primeiridade e o conceito a ela associado de ‘esteticamente admirável’, de Charles S. Peirce, podem ser úteis para entendermos esta convergência de posturas epistemológicas”. A hipótese era de que essas ênfases, diversas, mas convergentes, “poderiam estar associadas a um mero sentimento de crescente compartilhamento comunicacional, permitido pela atual rede mundial de computadores e sua tecnologia digital” (Pimenta, 2008:11).

Immacolata Lopes, no seguimento das idéias de Morin, defendia a transdisciplinaridade – *com* e *contra* a disciplina –, lembrando que o pensamento da complexidade “incita a distinguir e fazer comunicar, em vez de isolar e de disjuntar”, e a “dar conta dos caracteres multidimensionais de toda a realidade” (Lopes, 2007:13-14). A autora alertava para o risco de a disciplina se converter em doutrina e, em rápida interlocução com a noção de “fim das certezas” (Prigogine), sustentava que o movimento transdisciplinar “implica uma perda da certeza, quando uma disciplina começa a sentir que não é dona de seu objeto”.

A atitude compreensiva (no sentido de juntar, integrar, abraçar significados, que o termo original latino *comprehendere* evoca) se anuncia em toda a sua força na proposta do estabelecimento de “relações cada vez mais densas, não somente entre ciências humanas e sociais, mas das ciências com as artes, com a literatura, com a experiência comum, com a intuição, com a imaginação social”. A autora precisava: “Não se trata somente de uma interação de discursos em termos de lógicas científicas, mas também da interação de discursos em termos de diversidade de linguagens e escrituras” (Lopes, 2008:15-16).

O diálogo entre saberes plurais (“Onde é terno dizes plural”, aponta Roland Barthes) e a “diversidade de linguagens e escrituras” possível não se opõem, por certo, ao método e à lógica, mas abrem consideravelmente os horizontes interpretativos. Compreensivamente: “A transdisciplinaridade não é o oposto das disciplinas, mas complementar a elas”, diz Lopes, “pois que este novo rumo do conhecimento só tem sido possível com base em toda a riqueza de saberes produzida pelas distintas disciplinas, e é precisamente essa a base que tem permitido e exigido dar um salto à frente e passar para um pensamento transdisciplinar” (Lopes, 2007:15).

O “salto à frente”, que Lopes entende ser “permitido e exigido”, na configuração desse “novo rumo do conhecimento”, se faz do

mesmo modo visível em outros momentos da produção do GT. No Encontro da Compós de 2008, por exemplo.<sup>2</sup> A comunicação dispõe, hoje, de “sólidas promessas de outras, e, talvez, novas propostas científicas”. Uma epistemologia renovada se faz possível



*A crítica ao racionalismo não dura muito tempo para ser desclassificada, como se fosse uma postura retrógrada de descrédito na ciência*

por meio da superação de “parâmetros tradicionais”. A epistemologia da comunicação necessita de “outros desenhos teóricos na revisão de suas bases tradicionais e outros recursos metodológicos na observação da realidade social e cultural”, resultado da crítica necessária a “certo dogmatismo que impede o exercício vital da ciência” (Ferrara, 2008:1).

A noção de um “exercício vital da ciência”, associada à exigência de “outros desenhos teóricos” e de “outros recursos metodológicos”, importante para Ferrara, dialoga com a visão da necessidade de uma “outra lógica” na expressão da ciência, lógica essa “não afeita

<sup>2</sup> Um rápido olhar sobre o que aconteceu no GT “Epistemologia da Comunicação” em 2010 não demora em identificar convergências compreensivas, dialógicas, em vários dos textos apresentados. Por exemplo, quando Francisco José Paoliello Pimenta trata da “epistemologia da comunicação e o grupo da Unisinos”, propondo explicitamente “três esferas de diálogo com vistas ao aprofundamento da compreensão do grupo sobre a atual produção na esfera da Epistemologia da Comunicação”. Quando Kleber Mendonça propõe uma “inversão do olhar”, quando Roseli Figaro fala da comunicação como “campo de sentidos em disputa”, ou, ainda, quando José Luís Braga, em “Nem rara, nem ausente – tentativa”, caracteriza os fenômenos comunicacionais como “tentativos”. Ou, por fim – sem excluir a possibilidade de um mergulho para a identificação do aporte compreensivo nos demais textos aqui não contemplados –, quando Luiz C. Martino adverte para a importância de “uma releitura” da idéia da teoria dos “dois estágios versus efeitos limitados”. Ver os textos em [www.compos.org.br](http://www.compos.org.br).

a axiomas e postulados”, como sugere Irene Machado, ao apresentar o ensaio como “possibilidade interpretativa” na construção de conhecimentos, “fora dos limites restritivos do rigor da lógica tal como consagrada pela retórica clássica” (Machado, 2008:2).

*O mal mais visível  
de todo pensamento  
dualista é exatamente  
o de dividir  
rigorosamente as  
idéias entre certas  
e erradas*



A proximidade entre as visões das duas pesquisadoras se faz ainda mais estreita quando se leva em conta o que afirma Ferrara (2008:1) sobre o objeto da comunicação, que é, “sobretudo, ambivalente: imprevisível, mas complexo; móvel, mas indeterminado; instigante, mas banal”. Está posta, pois, a tarefa, ainda continuando com Ferrara (2008:1), de se “pensar uma epistemologia fluida e em constante revisão do postulado de inteireza e totalidade que tem consagrado a ciência ocidental desde o século das Luzes”.

A crítica aberta ao racionalismo e ao pensamento dos universais oferece uma base ampla para o diálogo com a idéia de que é possível resgatar a nobreza do ensaio no campo adubável das múltiplas possibilidades interpretativas, como quer Machado. Sem abdicar do “paradigma do rigor”, é possível acreditar no “vigor de uma linguagem pouco favorável ao rigor da lógica”, mas “muito aberta, contudo, ao diálogo interpretativo” dos diferentes pontos de vida, o que o ensaio, enfim, se não garante, possibilita (Machado, 2008:3-4).

### **Um Deus perfeito e único**

“Na base dos conceitos de rigor, certeza e verdade científica pode-se identificar

uma tradição de pensamento que assume um viés de tipo divino, onipotente”. Esta é a tese defendida em trabalho apresentado ao GT “Epistemologia da Comunicação” da Compós, em seu XIX Encontro Nacional, na PUC-RJ, em junho de 2010. No aprofundamento da trajetória de busca do autor por tentar compreender a compreensão nas antessalas e salas da epistemologia da comunicação, o texto traz como argumento principal que, “pela via da racionalização, essa tradição acaba por aproximar ciência e teologia, verdade e dogma, disciplina e doutrina, remetendo ao limbo do esquecimento a própria idéia da possibilidade de formas menos avassaladoras de produção do conhecimento, mais afetas ao diálogo, democráticas, compreensivas” (Künsch, 2010:1).

Ocupando-se com alguns momentos salientes dessa tradição – de Descartes em direção ao passado, para uma rápida visita a Parmênides, a Sócrates, a Platão com sua defesa de um “saber total”, a Plotino e a Santo Agostinho, este com a percepção de que “mundus est imundus” –, o artigo tece igualmente a crítica às “pretensões universalistas e absolutas do saber e propõe, para a ciência em geral e a comunicação em particular, uma atitude cognitiva aberta à experiência do coletivo, ao diálogo entre teorias e à compreensão”. E o faz, compreensivamente, no sentido do “resgate do que a cultura científica sempre fez questão de preservar: o princípio de que não existem pontos finais nem certezas absolutas na área do conhecimento” (Künsch, 2010:1):

A maior ou menor aproximação cognitiva entre Verdade e Bem, Alma, Luz, Razão e Deus – qualquer que seja a arquitetura que o discurso termine de fato por assumir [...] – é tão antiga quanto a história das idéias filosóficas do Ocidente. Penetrou fortemente o pensamento filosófico e teológico. Serviu como base para a afirmação categórica da existência de Deus – um Deus único, tal como a verdade – e ajudou a moldar a mais nobre herança científica, essa que Pondé (2007:A3) chama de “supremo fetiche da modernidade”, “seu senso comum científico, normal-



mente dotado de grande carga emocional e dogmática” (Künsch, 2010:3).

“Talvez o mais odiável, no dogmatismo, seja identificar sua presença e ação perversas exatamente lá, onde se afirma a pretensão de negar um estatuto à sua existência.” O comentário, feito oralmente pelo autor, posiciona-se respeitosamente frente à questão, levantada por um dos interlocutores do GT, do dogmatismo da crítica ao dogmatismo, assente, segundo essa visão, em “Do conceito de um Deus perfeito e único a teorias que não dialogam”. No mesmo percurso argumentativo, interrogava-se ao autor se não haveria brechas, pelo menos, para um *habeas corpus* para o conceito.

A compreensão impõe que se prestem as mais elevadas honras à crítica, nunca tentando escapar de fininho ao apelo de se compreender as razões do outro. Por outro lado, o texto que aqui se propõe parece ter deixado suficientemente claro que o pedido de um *habeas corpus* para o conceito é não só pertinente, como contribui à sua maneira para o entendimento e a experiência da própria idéia de uma atitude cognitiva compreensiva. Por outro lado, não é o caso de se pensar, rapidamente, que tenha sido resolvido dessa forma o problema, nem tampouco de se assustar com a acusação de dogmatismo. Talvez seja bom escutar, sem pré-juízos e em silêncio, o que pensa Schopenhauer sobre a arte da disputa – ou dialética, em sua concepção –, quando ele diz que “a verdade objetiva de uma proposição e sua validade na aprovação dos litigantes e ouvintes são duas coisas distintas”.

Estigmatizado por certa tradição de pensamento com o selo maldito de pessimista incurável, Schopenhauer (2009:3-4), em *A arte de ter razão*, merece ser ouvido com reverência quando ousa propor que se reflita sobre a questão da “maldade natural do gênero humano”: “Se ela não existisse, se fôssemos inteiramente honestos, em todo debate visariamos apenas a trazer a verdade à luz [...]. Se fosse assim, cada um deveria me-

ramente esforçar-se para julgar apenas de modo justo: portanto, deveria primeiro pensar e depois falar”.

A arrogância, como de resto é sabido, não convém. O mal mais visível de todo pensamento dualista é exatamente o de dividir rigorosamente as idéias entre certas e erradas, como divide a realidade e as pessoas numa lista enorme de pares antagônicos. Vale, para esse modelo de pensamento, a hierarquia dos desiguais, numa atitude diametralmente oposta à do cultivo da idéia de uma sinfonia dos diferentes. “Humanos e não máquinas” (Charlie Chaplin, no discurso final em *O grande ditador*), limitados e não divinos, revelamos mais facilidade em ceder aos impulsos da “lógica arrasadora da guerra”, que impregna e corrompe o pensamento (Restrepo), que ao virtuoso conselho de “primeiro pensar e depois falar” (Schopenhauer). A aposta na compreensão constitui, de fato, um desafio dos maiores. Quase, talvez, como um salto no escuro. Haverá garantias?

“Não há valores automáticos na conversação”, expõe José Luiz Braga, em comentário crítico ao texto de Künsch, ainda que defendendo também os encaminhamentos dialógicos. “Tudo depende de como os conversadores encaminham sua interação. A questão mais geral seria: que exigências fazer, que critérios estabelecer para que se possam assegurar produtivas as trocas propostas?” Mais: “Há sempre o risco, na conversação, da prevalência do argumento da autoridade – que nos faz regredir, não raramente, para circunstâncias pré-cartesianas. Como evitar essa prevalência?” (Braga, 2010:3).

É impossível não prestar um mérito à inteligência dessa observação. Como também a essas outras: “Não podemos desconhecer que há limites nas convergências possíveis; e que hipóteses e interpretações concorrentes podem não ser igualmente plausíveis.” Há um outro lado do diálogo, “que não é nem pode ser apenas agregador e de convergência, mas se faz também de embate, de tensionamento, de processo agonístico entre as diferenças” (Braga, 2010:3-4).

Cada uma dessas observações está em condições de reunir, por certo, uma leva imensa de bons argumentos em prol da criação de condições objetivas para o jogo dialógico. Um jogo cujos resultados não estão dados, uma luta tantas vezes inglória. As teorias da deliberação, hoje em ascensão no campo do estudo e das pesquisas, atestam esse fato. Serve o exemplo, dos mais eloqüentes, da teoria da ação comunicativa de Jürgen Habermas. Sodré (2006:54-55) lembra que Habermas, “mesmo distante dos essencialismos mentalistas e naturalistas, [...] ainda se atém a uma essência, a razão iluminista, supostamente capaz de sustentar o conhecimento da sociedade e do homem”:

Mais ainda: dela poderia advir a realização, sempre obstaculizada, de ideais constantes do projeto civilizatório da modernidade, como os de igualdade e liberdade. Para isso, Habermas ataca o paradigma cartesiano do sujeito da consciência e vai assentar a racionalidade numa lógica da intersubjetividade, preconizando uma ética do discurso, que deveria ser capaz de responder à pergunta sobre as fontes da normatividade e estabelecer as condições para a compreensão mútua.

A compreensão que essa “ética do discurso” propõe, fundada numa intersubjetividade cuja garantia de autenticidade se enraíza na razão e na lógica, como afirma ainda Sodré (2006:55), prescinde “de qualquer apelo à dimensão sensível”, não se detendo “sobre nenhuma intimidade intersubjetiva de natureza afetiva”. Sem *pathos*, portanto.

Pensemos, por um instante pelo menos, de modo diverso, ou complementar. Recuperando, sem absolutização, os “poderosos dispositivos do afeto”, com cuja discussão se iniciou este texto, pode ser, de fato, pertinente não entregar todo o ouro nas mãos dos agentes do debate que se faz sob o signo da busca racional – ainda que lúcida, quando não falha em seus propósitos – de normas e regras para o diálogo. Com o foco desviado para o apelo à ternura (Restrepo), que abre espaço

para a “intimidade intersubjetiva de natureza afetiva” (Sodré), pode-se aventurar a aposta – mais uma vez, sem garantias de sucesso – na humanização das relações entre as pessoas.

“A ética da compreensão”, afirma Morin (2000:99-100), “é a arte de viver que nos demanda, em primeiro lugar, compreender de modo desinteressado. Demanda grande esforço, pois não se pode esperar nenhuma reciprocidade [...] A ética da compreensão pede que se compreenda a incompreensão”. O autor acrescenta: “Se soubermos compreender antes de condenar, estaremos no caminho da humanização das relações humanas”. Porque, reconhecendo-nos “todos seres frágeis, frágeis, insuficientes, carentes [...], poderemos descobrir que todos necessitamos de mútua compreensão”.

Pode servir como auxílio, nessa tarefa, o recurso àquilo para o que chama a atenção o senso comum quando ensina que “conversando a gente se entende”. O adágio está longe de poder ser lido com o olhar argüidor da razão e do método, uma vez que, tantas vezes, nem conversa nem entendimento há. Mas subsiste aí um apelo ao afeto e à não-violência, que pode revelar uma reserva de sanidade útil e interessante, num mundo desde sempre acossado pelas violências com e sem sangue, tanto quanto, por outro lado, acostumado a sonhar com a impossível.

A área da comunicação, com suas promessas, sem precisar assumir um caráter soteriológico, salvacionista, bem que poderia se pensar como espaço da compreensão, da cidadania, do entendimento. Na linha compreensiva do menos “portanto” e mais “talvez”, pode-se encontrar nesse tipo de intencionalidade uma chance de aproximação entre saber e sabedoria. Trata-se (quase) de um ato de fé, esperança e utopia, que, aliás, também movem a vida. Como podem mover igualmente o esforço interpretativo e as linguagens múltiplas em que esse labor cognitivo ousa se expressar.

(artigo recebido mai.2011/aprovado mai.2011)

## Referências

- BRAGA, José Luiz. Relato sobre o artigo “Do conceito de um Deus perfeito e único a teorias que não dialogam”, de Dimas Künsch. Apresentado ao GT “Epistemologia da Comunicação” do XIX Encontro da Compós, no Rio de Janeiro, RJ, em junho de 2010.
- BUBER, Martin. **Do diálogo e do dialógico**. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- BUBER, Martin. **Eu e tu**. 8ª edição. São Paulo: Centauro, 2004.
- CONTRERA, Malena. “Em meio ao desencanto: a comunicação fundada no pensamento mecânico-funcional”. Trabalho apresentado ao GT “Epistemologia da Comunicação” do XVI Encontro da Compós, em Curitiba, PR, em junho de 2007.
- FERRARA, Lucrécia. “Radical indeterminação: epistemologia e objeto científico da comunicação”. Trabalho apresentado ao GT “Epistemologia da Comunicação” do XVII Encontro da Compós, em São Paulo, SP, em junho de 2008.
- KÜNSCH, Dimas A. “Aquém, em e além do conceito: comunicação, epistemologia e compreensão”. Trabalho apresentado ao GT “Epistemologia da Comunicação” do XVIII Encontro da Compós, em Belo Horizonte, MG, em junho de 2009. **Revista Famecos**, n. 39, agosto de 2009, p. 63-69.
- KÜNSCH, Dimas A. “Do conceito de um Deus perfeito e único a teorias que não dialogam: comunicação, epistemologia e compreensão”. Trabalho apresentado ao GT “Epistemologia da Comunicação” do XIX Encontro da Compós, no Rio de Janeiro, RJ, em junho de 2010.
- KÜNSCH, Dimas A. “Teoria compreensiva da comunicação”. In: KUNSCH, Dimas A. e BARROS, Laan Mendes de (Orgs.). **Comunicação: saber, arte ou ciência? Questões de teoria e epistemologia**. São Paulo: Plêiade, 2008, p.173-199.
- LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. “Comunicação, discipularidade e pensamento complexo”. Trabalho apresentado ao GT “Epistemologia da Comunicação” do XVI Encontro da Compós, em Curitiba, PR, em junho de 2007.
- MACHADO, Irene. “Controvérsias sobre a cientificidade da linguagem”. Trabalho apresentado ao GT “Epistemologia da Comunicação” do XVII Encontro da Compós, em São Paulo, SP, em junho de 2008.
- MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**. 3ª edição. Petrópolis: Vozes, 1998.
- MEDINA, Cremilda. **O signo da relação: comunicação e pedagogia dos afetos**. São Paulo: Paulus, 2006.
- MORIN, Edgar. **O problema epistemológico da complexidade**. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1984.
- MORIN, Edgar. **Os meus demônios**. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1995.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2ª edição. São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 2000.
- PESSANHA, José Américo Motta. “As delícias do jardim”. In: NOVAES, Adauto (Org.). **Ética**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 57-85.
- PIMENTA, Francisco José Paoliello. “Indeterminação; o ‘admirável’; a crescente comunicabilidade”. Trabalho apresentado ao GT “Epistemologia da Comunicação” do XVII Encontro da Compós, em São Paulo, SP, em junho de 2008.
- ROSSETI, Regina. “A linguagem como mediação da intuição”. Trabalho apresentado ao GT “Epistemologia da Comunicação” do XVI Encontro da Compós, em Curitiba, PR, em junho de 2007.
- SCHOPENHAUER, Arthur. **A arte de ter razão**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política**. Petrópolis: Vozes, 2006.

